

José Cardoso Punch

O vigor da boa prosa em três dezenas de histórias. Parte-se de Lisboa e dá-se a volta ao mundo, que é um lenço de assoar

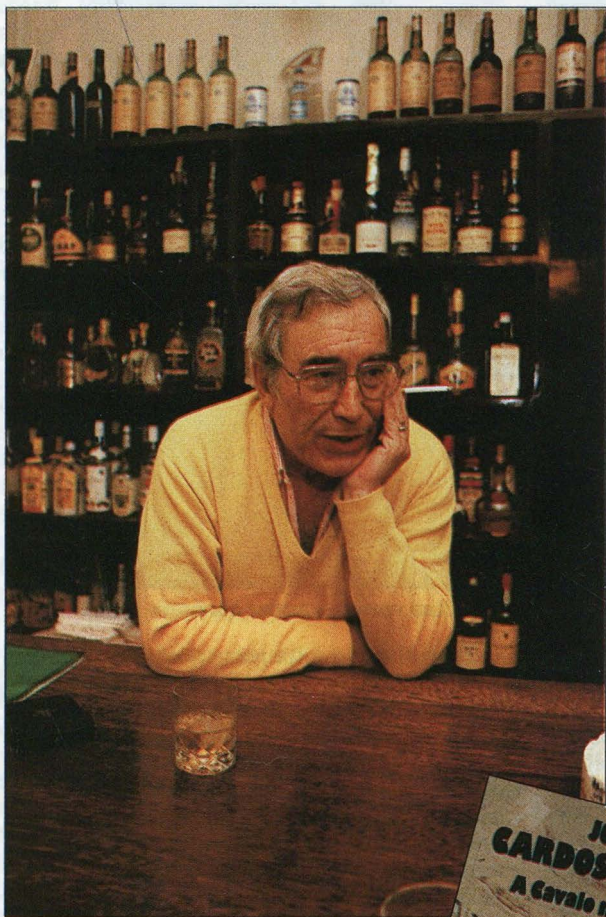
FERNANDO ASSIS PACHECO

Eu também sou dos leitores de José Cardoso Pires que aguardam com nervos e com paixão cada livro seu. O que nos distingue das outras pessoas é uma velha fidelidade nunca desmentida, proporcional ao prazer de reencontro com esta arte de contar inimiga do lugar-comum e da enxúndia verbal. E nem sequer nos podem acusar de expectativa quanto à novidade romance, pois ele publicou até à data apenas cinco de tais espécimes, aliás exemplares, quer-se dizer: de uma qualidade que é dele, pessoal e intransmissível, ou como se chama agora às coisas boas e raras, topo de gama.

A Cavalo no Diabo ⁽¹⁾ aí está para nossa felicidade: 33 textos geralmente curtos, a maioria dos quais aparecida no magazine dominical do *Público*, mas que o autor defende não serem crónicas, sim «apontamentos de contos». Começamos a dar-lhe razão quando relemos os contos *Lisbon revisited*, que a *Ronda*, revista das linhas aéreas espanholas, publicou no seu número de Abril de 1994; ou *Apocalipse 2*, dado à estampa em inícios da década de 80 na já desaparecida *Triunfo*, de Madrid, para mais tarde ressurgir n' *O Estado de São Paulo*; ou ainda *Sebastião Opus Night*, oferta do semanário *Expresso* em 21-9-1991. Há um outro texto que arranca da motivação da nota de leitura (sobre García Márquez), *Entre a cólera e os demónios*, com que Cardoso Pires colaborou no *Diario* 16 espanhol.

Mas a verdade é que várias das narrações de *A cavalo no diabo* possuem, indistigável, o balanço da short story aprendido por volta de 1945-50 ao convívio com os norte-americanos. A confissão é do próprio e é conhecida: foi a forma expedita que o escritor usou para livrar-se de uma pesada, obsidiante «sintaxe rural» com que se malgastava a ficção portuguesa desse tempo, Neo-Realismo incluído e feitas as devidas excepções (Carlos de Oliveira *et al.*).

Conversas com Al Capone, *Lidoro Silva*, *o Ganso* ou *Uma velha que tinha um cágado* são exactamente isso, contos,



José Cardoso Pires: «Contar é um ofício delicado.» Como agarrar o diabo e pô-lo ao nosso serviço

matéria ficta, histórias enunciadas e desenvolvidas segundo os cânones do género, que poderiam fazer parte de qualquer outro título similar da bibliografia piresiana. Claro que há mais, o leitor facilmente dará por eles, por elas. A notar: a rapidez com que o coelho ficcional actua nestes casos, dando corpo às personagens e recriando os seus ambientes.

Se quiséssemos subdividir *A Cavalo no Diabo* em secções, operação que, aliás, o autor pratica no índice, acharíamos textos que arrancam de referências literárias e culturais, outros pretextados em viagens, outros ainda que são memórias recorrentes da adolescência e do começo da idade adulta no seu território «entre Arroios e Socorro» ou da madurez no Bairro de Al-

valade, onde reside em 1994, e alguns — não muitos, o que deve sublinhar-se — proporcionados pelo fait-divers tal qual o conta a imprensa, mas somente um deles de modo explícito, *O santuário selvagem*. A páginas 79 lá temos um «abro o jornal e delicio-me» que é o aceno cúmplice aos frequentadores do *Público*, a cuja redacção José Cardoso Pires faz chegar quinzenalmente os 4 000 caracteres estilizados.

Há aqui farta utilização de um universo marginal que já existia em pano de fundo n' *Os caminheiros* ou nas *Histórias de amor*, com os seus «corsários», «imperadores do Chile» e «almirantes» (Reis), rapaziada avulsa a caminho da burguesia convencional ou da delinquência, logo se verá para que lado cai. E um cenário mais vasto, Lisboa, que sobe os degraus do mito no segundo texto — conto, emenda-se já — do livro, *A cidade inventada*, solene apresentação do sr. Rajur Feroso, bacharel em Leis na capital do Sri Lanka e uma das mais apela-

lativas personagens de *A Cavalo no Diabo*, de resto «pequeno diabo alucinado» na classificação de Cardoso Pires, que os colecionaria com cuidados de entomologista. Quem duvidar do nome ali deixado numa escala de marinheiros pode buscar na prosa contemporânea singalesa, em que pontificam um Almera Sekera e um Navegattega-ma. O mundo é um lenço de assoar.

Foram seis anos de espera, de nervos e de paixão? José Cardoso Pires bem avisa que «contar é um ofício delicado» ou, mais a seu jeito, «penso muito com o aparato». Cento por um, eis-nos recompensados. Porque *A Cavalo no Diabo* tem isso que é a energia e o vigor da boa prosa, e que os ingleses conhecem por punch. **U**

⁽¹⁾ Publicações Dom Quixote, 1994, 206 págs., 2 980\$00